

SONDAGEM Especial

Ano 3, Nº.3, novembro de 2005

Investimento na Indústria Brasileira

O desaquecimento da atividade econômica em 2005 e o baixo otimismo com relação ao crescimento da demanda afetaram negativamente os planos de investimento da indústria brasileira. Apenas 30% das empresas realizaram os investimentos previstos para o 1º semestre de 2005 conforme planejado e as perspectivas para 2006 são muito modestas. Outro fator que afetou negativamente o investimento foi a apreciação do real. Apesar das perspectivas favoráveis quanto à evolução do comércio mundial, as empresas reduziram os investimentos voltados para exportação.

Não obstante, a Sondagem Especial – Investimento na Indústria Brasileira traz uma boa notícia: a capacidade produtiva da indústria não é restrição ao crescimento no curto prazo. A ociosidade esperada, no entanto, reflete mais a perda de intensidade do crescimento econômico que a expansão dos investimentos em 2005.

Grande parte dos investimentos previstos para 2005 não se realizou

O primeiro semestre de 2005 caracterizou-se pela frustração com os investimentos planejados. No primeiro semestre de 2005, apenas 30% das empresas que tinham projetos de investimento realizaram os investimentos tal como planejados. Uma em cada três empresas realizou apenas parcialmente os investimentos planejados para o primeiro semestre de 2005. Ressalte-se também que quase 20% das empresas adiaram os investimentos para 2º semestre ou para 2006 e 16,9% adiaram por tempo indeterminado.

O cenário de investimento em 2005 para as empresas de grande porte foi melhor que para as de pequeno e médio porte. 43,4% das grandes empresas assinalaram que concluíram os investimentos programados para o primeiro semestre e 37,9% concluíram parcialmente. Esses percentuais caem, respectivamente, a 27,3% e 33,3% para as pequenas e médias. Além disso, apenas 6,4% dos investimentos das grandes empresas foram cancelados ou adiados por tempo indeterminado. No caso das pequenas e médias empresas, o número de respostas sobe para 18,7%.

A frustração com os investimentos em 2005 foi mais intensa nas indústrias de Couros e Peles, Vestuário e Calçados, Madeira e Mobiliário. Nesses setores, houve menos de 20% de assinalações para investimentos realizados integralmente. Mais do que isso, nos setores de Vestuário e Calçados, de Madeira e de Mobiliários, cerca de 1/3 das empresas adiaram os investimentos por tempo indeterminado. Ressalte-se, ademais, que houve um número muito expressivo de registros de investimentos realizados parcialmente. Esse item foi assinalado por 54,3% das indústrias de Produtos Farmacêuticos; 48,2% das indústrias de Couros e Peles; 41,4% de Borracha; e 40% de Material Elétrico.

As empresas do setor de Química destacaram-se na realização de investimentos em 2005: quase metade das empresas realizou, integralmente, os investimentos previstos para o primeiro semestre. Outro destaque é o setor Metalúrgico, com 43% de registros de investimentos realizados como o planejado.

Realização dos Investimentos Planejados para o 1º Semestre de 2005

	Investimentos Planejados para o 1º semestre de 2005 foram:				
	Realizados	Realizados Parcialmente	Adiados para o 2º semestre	Adiados para 2006	Cancelados*
	%	%	%	%	%
Porte					
Pequena e Média	27,3	33,3	9,5	11,3	18,7
Grande	43,4	37,9	8,4	3,9	6,4
Gêneros industriais					
Minerais Não-metálicos	23,9	36,6	14,2	4,5	20,9
Metalúrgica	43,0	32,2	7,4	6,7	10,7
Mecânica	24,7	37,1	6,7	7,9	23,6
Material Elétrico	34,3	40,0	8,6	11,4	5,7
Material Transporte	36,1	31,2	16,4	4,9	11,5
Madeira	15,1	35,9	9,4	5,7	34,0
Mobiliário	17,0	22,0	10,2	18,6	32,2
Papel e Papelão	23,8	33,3	2,4	19,1	21,4
Borracha	27,6	41,4	10,3	13,8	6,9
Couros e Peles	11,1	48,2	11,1	14,8	14,8
Química	47,6	33,3	2,9	6,7	9,5
Produtos Farmacêuticos	31,4	54,3	5,7	5,7	2,9
Material Plástico	35,0	23,3	13,3	10,0	18,3
Têxtil	28,0	20,0	14,7	17,3	20,0
Vestuário e Calçados	12,8	37,3	9,8	12,8	27,5
Produtos Alimentares	32,6	33,3	9,6	13,3	11,1
Bebidas	37,5	34,4	12,5	9,4	6,3
Outros	27,4	35,0	7,0	12,1	18,5

* Cancelados ou adiados por tempo indeterminado.

Empresas brasileiras operam com folga no parque produtivo

O parque fabril brasileiro não constitui um empecilho à produção no curto prazo. Esta **Sondagem Especial** apurou que apenas 16,8% dos empresários acreditam que a capacidade produtiva de sua empresa não é suficiente para atender a demanda prevista para o próximo ano. Há um ano, esse percentual foi de 21,1%. A redução da proporção de empresas cuja capacidade não estaria adequada para atender a demanda prevista para o próximo ano deve-se, em parte, à expansão da capacidade produtiva das indústrias brasileiras ao longo deste último ano. Deve-se, também, à expectativa menos favorável quanto à evolução futura da demanda.

Na comparação entre as Sondagens de 2005 e de 2004, chama atenção, também, o crescimento da proporção de empresários que classificaram como excessiva a capacidade produtiva de sua empresa para atender à demanda do ano seguinte. Em outubro de 2004 essa proporção era de 9,5%, passando para 14,6%, nesta Sondagem, realizada em outubro de 2005.

As empresas de grande porte operam com capacidade produtiva mais adequada à demanda prevista do que seus pares de pequeno e médio porte. Em outubro de 2005, somente 12,3% das grandes empresas assinalaram insuficiência da capacidade produtiva à demanda esperada para o próximo ano. Nas pequenas e médias, esse percentual sobe para 17,5%. Essa situação não é novidade: nas Sondagens realizadas em 2003 e em 2004, observou-se comportamento similar.

O índice de difusão consolida os percentuais relativos às empresas com capacidade menos que adequada e às empresas com capacidade mais que adequada. Assim, é possível aferir como a capacidade da indústria como um todo e de cada setor de atividade se encontra com relação à demanda esperada para 2006. O índice varia de 0 a 100 e quanto mais próximo de zero, menos adequada será a capacidade com relação à demanda prevista. Quanto mais próximo de 100, maior será o excesso de capacidade para 2006. Tanto para as grandes empresas como para as pequenas e médias, o índice se encontra muito próximo à linha divisória dos 50 pontos: 51,0 e 49,5 pontos, respectivamente. Desse modo, para a indústria como um todo, pode-se dizer que a capacidade produtiva atual é adequada à demanda esperada para 2006.

Em termos setoriais, a situação é diferente. Para alguns setores, a capacidade instalada é mais que adequada para atender à demanda prevista: Borracha (com índice de 54,2 pontos), Metalúrgica (52,6) e Mobiliário (52,2). Há, contudo, seis setores cuja capacidade produtiva não estaria adequada face à demanda esperada para 2006, destacando-se Produtos Farmacêuticos e Minerais Não-metálicos, com índices de 45,0 e 45,8 pontos, respectivamente.

Expectativa desfavorável para a compra de máquinas e equipamentos em 2006

O arrefecimento da atividade econômica está levando os empresários a uma avaliação desfavorável sobre a demanda para o próximo ano. Assim, as perspectivas de compras de máquinas e equipamentos para 2006 são muito modestas, quando comparadas com a avaliação feita pelos empresários na Sondagem do ano passado. Apenas 28,9% das empresas consultadas assinalaram aumento nas intenções de compras de máquinas e equipamentos em 2006. Em outubro do ano passado, ao se fazer a mesma pergunta com relação às expectativas de compras para 2005, a resposta foi bem mais otimista: mais de 40% das empresas assinalaram expectativa de aumento nas aquisições de máquinas e equipamentos.

Considerando as empresas que vão aumentar e as que vão reduzir as compras de máquinas e equipamentos, o saldo da indústria é de relativa estabilidade. O indicador das pequenas e médias empresas ficou sobre a linha divisória dos 50 pontos, enquanto o das grandes situou-se bem próximo (48,9 pontos). Note-se que os indicadores variam de 0 a 100 pontos, e que valores acima de 50 pontos significam aumento nas compras. No ano passado, os indicadores eram de 56,3 e 57,2 pontos para as pequenas e médias e as grandes empresas, respectivamente.

Porte	Índice de Adequação da Capacidade Produtiva e Expectativa de Compras de Máquinas e Equipamentos			
	Adequação da Capacidade ^(a)		Compras de Máquinas e Equipamentos ^(b)	
	2004 ^(c)	2005	2004 ^(c)	2005
Porte				
Pequena e Média	47,0	49,5	56,3	50,0
Grande	47,3	51,0	57,2	48,9
Gêneros industriais				
Minerais Não-metálicos	46,7	45,8	54,7	47,6
Metalúrgica	45,3	52,6	59,5	48,8
Mecânica	46,1	51,1	56,8	52,0
Material Elétrico	48,2	49,3	55,4	52,5
Material Transporte	43,2	47,1	58,5	49,6
Madeira	48,7	47,7	49,4	33,8
Mobiliário	46,4	52,2	53,1	47,8
Papel e Papelão	46,2	49,4	56,3	55,4
Borracha	48,7	54,2	54,4	47,5
Couros e Peles	40,6	50,0	55,2	43,5
Química	46,9	50,0	60,9	53,3
Produtos Farmacêuticos	42,3	45,0	67,4	66,4
Material Plástico	50,4	50,4	55,6	54,5
Têxtil	46,3	47,3	59,1	49,0
Vestuário e Calçados	46,4	48,3	55,0	46,8
Produtos Alimentares	48,3	51,1	56,5	50,2
Bebidas	50,0	49,2	58,0	48,4

(a) Índice de adequação da capacidade produtiva à demanda esperada.

(b) Índice de expectativa das compras de máquinas e equipamentos para o próximo ano.

Os índices variam de 0 a 100 pontos. Valores acima de 50 pontos indicam capacidade mais que adequada ou expectativa de aumento nas compras.

(c) Fonte: Sondagem Especial Ano 2, No.3, outubro de 2004

Praticamente, não há diferença expressiva na disposição de investir em máquinas e equipamentos entre grandes e pequenas e médias empresas. Mas há muita diversidade entre os 17 setores pesquisados. Enquanto 69% das empresas do setor de Produtos Farmacêuticos pretendem aumentar suas compras, em dois setores esse percentual é inferior a 20%: Couros e Peles e Madeira. Com base nos indicadores de difusão pode-se afirmar que a expectativa é de aumento nas compras de máquinas e equipamentos é evidente em 6 dos 17 setores considerados, sobretudo Produtos Farmacêuticos (com índice de 66,4 pontos), Papel e Papelão (55,4), Matérias Plásticas (54,5) e Química (53,3). No outro extremo tem-se Madeira (33,8 pontos), Couros e Peles (43,5) e Vestuário e Calçados (46,8), não por coincidência setores fortemente atingidos pela apreciação do real.

A apreciação do real tem-se mostrado como um dos principais fatores para a retração do investimento. Ao se considerar apenas as empresas exportadoras, o índice das grandes empresas cai para 48,3 pontos e o das pequenas e médias para 48,2 pontos. No caso das empresas não-exportadoras os indicadores são 58,7 e 51,6 pontos.

Cai a proporção dos investimentos voltadas para aumentar a produção

Os principais objetivos dos investimentos planejados para o próximo ano são o aumento da produção e a melhoria da qualidade dos produtos. Esse resultado difere de 2004, não pela mudança dos principais objetivos, mas pela forte redução na proporção de empresas que buscarão aumentar a produção. Na Sondagem do ano passado, 61,8% das grandes empresas e 56,7% das pequenas e médias planejavam investir visando o aumento da produção. Nesta Sondagem, esses percentuais se reduziram para, respectivamente, 49,2% e 44%, situando-se bem próximos aos percentuais referentes à melhora da qualidade. Essa mudança não surpreende dada a diferença no cenário econômico. Em outubro de 2004, a demanda experimentava um período de forte expansão e o índice de utilização da capacidade instalada (UCI) da indústria encontrava-se bastante elevado (recorde). Em outubro de 2005, a percepção é de fraca expansão da demanda e o UCI, embora ainda elevado, encontra-se quatro pontos percentuais mais baixo.

Entre os 17 setores analisados, a expansão da demanda é o objetivo mais assinalado pelas empresas em oito setores, sendo que em cinco deles foi assinalado por mais da metade dos respondentes: Matérias Plásticas, Química, Borracha, Produtos Farmacêuticos e Produtos Alimentares. No setor de Papel e Papelão, o percentual chegou a 54,3%, mas foi superado pelo percentual de empresas que assinalaram como principal objetivo a melhoria da qualidade dos produtos, com 57,1% de assinalações. Outros setores em que a melhoria da qualidade dos produtos foi o objetivo mais assinalado pelos respondentes foram: Vestuário e Calçados, Mecânica, Material Elétrico e Têxtil, todos com mais de 50% de assinalações.

Principais Objetivos dos Investimentos Planejados para o Próximo Ano (%)				
	Pequenas e Médias		Grandes	
	em outubro de		em outubro de	
	2004*	2005	2004*	2005
Aumentar a produção	56,7	44,0	61,8	49,2
Melhorar a qualidade dos produtos	41,1	44,3	46,2	46,1
Lançar um novo produto	28,0	30,2	20,4	22,3
Aumentar a eficiência no uso de insumos	15,6	19,6	26,9	27,5
Reduzir custos com mão-de-obra	24,5	25,2	13,4	17,6
Reduzir outros custos	15,6	18,6	15,1	24,4
Outros	1,8	3,5	4,3	5,7

* Sondagem Especial Ano 2, No.3, outubro de 2004

Nota: A soma das proporções pode ser superior a 100% devido à possibilidade de múltiplas assinalações

Aumenta o foco dos investimentos para o mercado interno

Os investimentos previstos para 2006 devem direcionar-se, ainda mais, para o mercado interno. Para 2006, 75,8% das pequenas e médias empresas e 45,6% das grandes empresas assinalaram que os investimentos planejados destinam-se, principalmente ou exclusivamente, ao mercado interno. No ano passado, esse percentual era significativamente menor: 68,3% para as pequenas e médias empresas e 41,4% para as grandes empresas.

Em contrapartida, o investimento direcionado apenas ou principalmente para atender ao mercado externo reduziu-se, em especial para as pequenas e médias empresas. Os investimentos previstos para a exportação foram assinalados por 5,8% das empresas de pequeno e médio porte contra 9% na Sondagem Especial anterior.

As grandes empresas também aumentaram sua ênfase no mercado interno, mas permanecem atentas à demanda externa. O mer-

Mercado de Destino dos Investimentos Planejados para o Próximo Ano (%)				
	Pequenas e Médias		Grandes	
	em outubro de		em outubro de	
	2004*	2005	2004*	2005
Somente o mercado interno	36,5	39,2	11,5	13,1
Principalmente o mercado interno	31,8	36,6	29,9	32,5
Os dois mercados igualmente	22,7	18,4	39,7	35,6
Principalmente o mercado externo	6,7	5,0	16,1	15,7
Somente o mercado externo	2,3	0,8	2,9	3,1

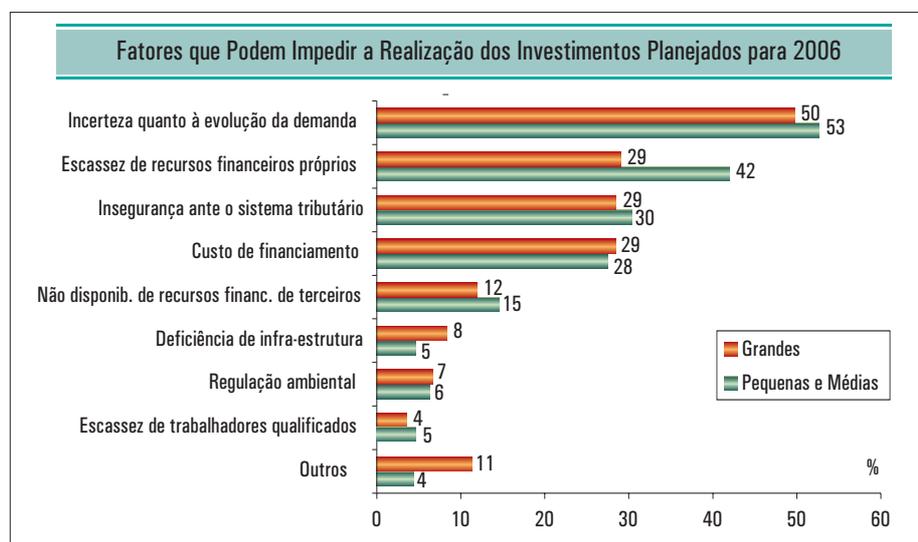
* Sondagem Especial Ano 2, No.3, outubro de 2004

cado externo é razão única ou principal do investimento para apenas 18,9% das grandes empresas e 35,6% levam em conta igualmente ambos os mercados. Praticamente não há mudança de foco na comparação com a última Sondagem Especial, realizada em outubro de 2004, quando os percentuais eram 19% e 39,7%, respectivamente.

Redução da demanda é o principal risco à realização dos investimentos

A incerteza quanto à evolução da demanda é o principal fator que pode impedir a execução dos investimentos previstos para 2006. Essa opção foi assinalada por cerca de metade das empresas que pretendem investir. Entre as grandes empresas, outros problemas em potencial são a escassez de recursos financeiros próprios, o custo de financiamento e a insegurança ante o sistema tributário, todas com 29% de assinalações. No caso das pequenas e médias empresas, 42% apontaram a escassez de recursos próprios como o segundo grande obstáculo em potencial à realização do investimento, seguido pela insegurança ante o sistema tributário e pelo custo de financiamento, com 30% e 28% das assinalações, respectivamente.

Dos 17 setores analisados, 14 registraram a incerteza quanto à demanda como a maior restrição para os investimentos, sendo que em 11 setores essa opção foi assinalada por mais da metade dos respondentes. Cabe destacar a importância da deficiência de infra-estrutura e da regulação ambiental para o setor de Química, opções assinaladas por, respectivamente 14% e 20% das indústrias químicas. Esse último fator também foi relevante para os setores de Minerais Não-metálicos e de Madeira (14% e 10% das assinalações, respectivamente).



A Sondagem Especial sobre a taxa de câmbio e o comércio exterior foi realizada com a Sondagem Industrial. Ela contou com a participação de 1419 empresas da indústria de transformação: 1254 pequenas e médias e 204 grandes. O período de coleta das informações foi de 26 de setembro a 18 de outubro de 2005. A Sondagem Industrial é elaborada pela Unidade de Política Econômica da CNI com a participação das Federações da Indústria de 21 estados do Brasil (AC, AL, AM, BA, CE, ES, GO, MA, MG, MS, MT, PA, PB, PE, PR, RJ, RN, RS, SC, SE e SP), embora sejam consultadas empresas de todo o território nacional. Para informações adicionais sobre a metodologia da Sondagem ver <http://www.cni.org.br/f-ps-sondind.htm>.

EXPEDIENTE: **SONDAGEM ESPECIAL DA CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA**, Ano 3, nº3 novembro 2005 – Coordenação Técnica: Unidade de Política Econômica – Equipe Técnica: Flávio Castelo Branco, Renato Fonseca, Lia Rocha, Roxana Rossy, Marcelo Azevedo, Maria Angélica Moreira e Paulo Mól – Coordenação Editorial: Unidade Integrada de Comunicação Social do Sistema CNI – Supervisão Gráfica: UNICOM/Núcleo de Criação – Normalização Bibliográfica: ACIND/Área Compartilhada de Informação e Documentação -Informações Técnicas: Tels.: (61) 3179989 – E-mail: sondagem@cni.org.br. Assinaturas: Unidade de Relações com o Mercado – SBN-Quadra 01-Bloco C - Ed.Roberto Simonsen - Brasília-DF - CEP: 70040-903 - Tels.: (61) 3317-9989/9992/9993 – Fax: (61) 3317-9994 – E-mail: sac@cni.org.br. Home page: www.cni.org.br.